



ECOS DO

Éden

Pr. Abner Fortes

Esta semana foi marcada por mais uma nota fúnebre. Carlos Osvaldo Cardoso Pinto partiu. Eu sei, é bem provável que ele, para a maioria, não passe de um ilustre desconhecido; mas, para os pastores desta igreja, não. Dr. Carlos Osvaldo foi, possivelmente, uma das maiores autoridades em línguas bíblicas que já pisaram em solo tupiniquim. Na verdade, e para nosso santo orgulho, ele era cria desta terra. Carioca, vascaíno, PhD, erudito, professor e entusiasta da fidelidade às Escrituras, mestre e influência (direta ou indireta) de muitos líderes cristãos, dentre os quais estão Vágner Pontes, Ivis Fernandes e eu. Por isso, essa semana foi mais cinza, de sorrisos pouco expressivos, de bandeira a meio mastro; Carlos se foi deixando um duro fardo para carregar: o da sua ausência.

Sei que minha introdução deve ter instigado algumas perguntas e quero, de pronto, já respondê-las: sim e não. Sim, ele tinha uma doença letal. Não, não foi ela que o matou. Sim, a morte era esperada; não, não para este momento. E em função disso, muitas manifestações comovidas carregaram as redes sociais nesta última semana. Uma delas, classificada como desabafo, sobressaltou-se em relação a todas as outras (pelo menos para mim): *"Por que o Senhor leva o Carlos e deixa tanta gente ensinando heresia no nosso mundo, homens ímpios, gananciosos e mercadores da graça?"* Esse mesmo pastor querido que expôs esse lamento, concluiu sua palavra agradecendo a Deus por ter feito parte da história de Carlos Osvaldo e afirmando: *"Carlos, um homem que não podia morrer."*

Quando li esse desabafo, percebi que ele era o meu também. Aquelas eram minhas palavras. Eu não as escrevi, eu não as verbalizei, mas, interiormente, eu as discursava para Deus. Lógico, não era minha intenção, tão pouco a do autor daquelas frases, questionar a Deus ou acusá-lo de injusto. Estávamos apenas rasgando nosso coração diante daquele que julga todas as coisas com santa equidade. Contudo, aquelas mesmas frases, tomadas fria e descontextualizadamente, não deixam de reverberar uma "preleção" antiga: *"...certamente não morrerão... e vocês, como Deus..."* (Gn 3.4,5). Estes são os ecos do "Éden", que colocam dúvida, enfraquecem e relativizam a

Palavra de Deus e buscam divinizar a criatura, dando a ela a sensação ilusória de que, como Deus, pode controlar a existência. Por isso, vai aqui um choque de realidade: NÃO PODE, NÃO!

Todas as vezes que um caixão for colocado diante de nós, certamente seremos pressionados pela síndrome de Deus com a qual o pecado nos infectou. Seremos tentados a indicar quem deveria estar no lugar do cadáver e quando sua morte deveria acontecer. Mas, isso não cabe a nós. Então, o que nos cabe? Cabe-nos reconhecer que Deus é eterno e soberano e que, portanto, tem direito e liberdade de fazer os homens voltarem ao pó quando e como lhe aprouver fazer isso (Sl 90.1-3). Cabe-nos abandonar o orgulho, pois ele é incompatível com a nossa condição existencial diante de Deus (Sl 90.4-6). Cabe-nos reconhecer que a morte é justa para todos porque todos pecaram (Rm 3.23a) e porque ela é o salário devido para os pecadores (Rm 6.23a). Cabe-nos exaltar a Deus porque, apesar da morte fazer parte da nossa história, Deus graciosamente nos proveu com o dom gratuito da vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor (Rm 6.23b). Cabe-nos crer na Palavra de Deus e obedecê-la, porque o que Deus diz, ele cumpre: *"porque no dia em que dela comer, certamente você morrerá"* (Gn 2.17). Cabe-nos não temer a morte, pois a ressurreição de Cristo é a garantia de que ela será definitivamente vencida quando nosso corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade (1 Co 15.54-57). Cabe-nos pregar o evangelho para que mais pessoas entrem em aliança de amor com Deus e, ao morrerem, não sejam eternamente condenadas, mas herdem o Reino de Deus. Cabe-nos chorar com os que choram (Rm 12.15b) e experimentar o consolo de Deus quando o luto nos atingir para consolar os que estão passando por profundas tribulações (2 Co 1.3,4).

Se nos concentrarmos naquilo que nos cabe, poderemos chorar pela morte dos nossos queridos sem que o nosso coração se esvazie de gratidão a Deus e de reconhecimento de sua eterna bondade. Assim, os ecos do "Éden" terão pouco espaço para reverberar. Aos poucos, eles serão silenciados... para a glória de Deus.